

## **Diálogo entre fé e existência: Papa Francisco e Viktor Frankl sobre religião e sentido da vida**

*Dialogue between faith and existence:  
Pope Francis and Viktor Frankl on religion and life's  
meaning*

*Thiago Antonio Avellar de Aquino  
Laudiana Andriola de Aquino*

### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre os discursos do Papa Francisco sobre o diálogo inter-religioso e as ideias de Viktor Frankl sobre a busca pelo sentido da vida, com foco particular na dimensão espiritual como elemento de transcendência e encontro humano. A metodologia adotada consistiu em uma análise documental dos discursos do Papa Francisco e das obras de Viktor Frankl, como *Em Busca de Sentido*, incluindo as críticas do arcebispo Charles Chaput. A análise revelou convergências e divergências entre as visões de ambos, à luz de conceitos teológicos e existencialistas, apontando o papel crucial da religião em promover transcendência e sentido na sociedade contemporânea. O estudo evidenciou como tanto Frankl quanto o Papa Francisco veem a religião como um meio essencial de encontrar significado e enfrentar o sofrimento humano, especialmente em um mundo pluralista. Ambos defendem o diálogo inter-religioso e a busca por sentido como componentes-chave para uma convivência pacífica e harmoniosa entre as diferentes tradições religiosas.

**Palavras-chave:** Religião. Diálogo Inter-religioso. Fé. Papa Francisco. Viktor Frankl.

### **Abstract**

This study aimed to investigate the relationship between Pope Francis' speeches on interreligious dialogue and Viktor Frankl's ideas about the search for meaning in life, particularly concerning the spiritual dimension as an element of transcendence and human encounter. The methodology involved documentary analysis of Pope Francis' speeches and Viktor Frankl's works, such as *Man's Search for Meaning*, with reference to Archbishop Charles Chaput's critiques. The analysis identified convergences and divergences between the views of both, in light of theological and existential concepts, highlighting the essential role of religion in promoting transcendence and meaning in

contemporary society. The study showed how both Frankl and Pope Francis view religion as a crucial means of finding meaning and addressing human suffering, particularly in a pluralistic world. Both advocate for interreligious dialogue and the search for meaning as key components for peaceful and harmonious coexistence between different religious traditions.

**Keywords:** Religion. Interreligious Dialogue. Faith. Pope Francis. Viktor Frankl.

## Introdução

Ao longo do seu papado, o Papa Francisco promoveu o diálogo inter-religioso, buscando a fraternidade entre diferentes tradições religiosas para combater o preconceito e a separação. Suas iniciativas enfatizam a cooperação e o respeito como instrumentos essenciais para a paz e a justiça mundial. Em seu discurso em Singapura<sup>1</sup>, Francisco comparou as religiões a “diferentes línguas” que conduzem a Deus, ressaltando a unidade subjacente à diversidade religiosa. No entanto, essa visão enfrenta críticas internas, como as do arcebispo Charles Chaput<sup>2</sup>, que rejeita a equiparação de todas as religiões como caminhos igualmente válidos para Deus.

O compromisso do Papa também foi refletido em eventos como o Fórum de Diálogo no Bahrein, promovendo a fraternidade entre líderes religiosos. Essa abordagem, que vai além da diplomacia tradicional, buscou um engajamento profundo e transformador entre as fés. Contudo, seus esforços enfrentaram desafios, incluindo resistências dentro da Igreja e o ressurgimento de fundamentalismos, conforme apontam Lemos e Fernandez<sup>3</sup>. Apesar das dificuldades, Francisco se inseriu na tradição diplomática do Vaticano, descrita como “diplomacia de Deus”<sup>4</sup>, destacando seu papel como mediador global.

Paralelamente, as ideias de Viktor Frankl, criador da logoterapia, estabelecem conexões com a visão do Papa ao enfatizar a espiritualidade como essencial para a realização humana. Frankl via a transcendência como um elemento central na busca por sentido, explorando o sagrado e o “Deus inconsciente”<sup>5</sup>. Sua obra aproxima religião e psicologia, promovendo um humanismo espiritual que transcende diferenças culturais e religiosas<sup>6</sup>. Essa perspectiva reforça a relevância de integrar suas ideias com os discursos de Francisco para enfrentar desafios existenciais e religiosos contemporâneos.

Este artigo investiga a relação entre o discurso do Papa sobre o diálogo inter-religioso e as ideias de Frankl sobre espiritualidade e transcendência, analisando sua importância para o pluralismo religioso. A relevância do tema reside na necessidade de cooperação respeitosa em um mundo globalizado, onde disputas de identidade e

<sup>1</sup> FRANCISCO, PP., Papa aos jovens de Singapura.

<sup>2</sup> CHAPUT, C., Arcebispo critica Papa Francisco.

<sup>3</sup> LEMOS, C. T.; FERNANDEZ, G. C., Intolerância religiosa em tempos de abertura, p. 454.

<sup>4</sup> GAETAN, V., God's diplomats, p. 117.

<sup>5</sup> FRANKL, V. E., Sobre o sentido da vida, p. 54.

<sup>6</sup> SILVA, F. L. H. et al., As perspectivas de Viktor Frankl e Erich Fromm sobre o amor e a humanidade, p. 5.

polarização são desafios constantes. A visão ética de ambos contribui para construir uma moralidade inclusiva, promovendo solidariedade e dignidade humana como ferramentas contra intolerância e exclusão. Além disso, a espiritualidade e o significado emergem como pilares da coesão social e do tratamento ético de crises globais.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e bibliográfica, analisando discursos do Papa Francisco e obras de Frankl, além de fontes secundárias. O objetivo é identificar convergências entre suas concepções e explorar suas implicações para o diálogo inter-religioso e a coexistência pacífica em um mundo plural.

## 1. A visão do Papa Francisco sobre religião e diálogo

O Papa Francisco foi um dos principais defensores do diálogo inter-religioso, promovendo a construção de pontes entre diferentes tradições religiosas para alcançar a paz, a compreensão mútua e a solidariedade global. Em sua viagem ao Bahrein, ele reafirmou que a diversidade religiosa é essencial para a coexistência humana e um antídoto contra o extremismo<sup>7</sup>.

Yilmaz e Albayrak<sup>8</sup> analisaram como Francisco buscou enfrentar a hostilidade contra cristãos em regiões marcadas por tensões políticas e históricas, enfatizando o diálogo como ferramenta para reconciliação. Para Gaetan<sup>9</sup>, sua diplomacia incluiu debates sobre desigualdade, conflitos e mudanças climáticas, tratando o diálogo inter-religioso como uma obrigação ética e política para o bem comum.

Com essa abordagem inovadora, Francisco se destacou como líder na promoção da coexistência harmoniosa entre religiões, fundamentando suas ações nos princípios cristãos de justiça, amor e respeito. Em Singapura, ele incentivou os jovens a interagir sem medo, reforçando sua visão inclusiva e aberta à pluralidade religiosa.

Em sua participação do encontro inter-religioso em Singapura, divulgado no Vatican News<sup>10</sup>, foi destacado que:

O Pontífice também elogiou a juventude pela sua capacidade de promover o diálogo inter-religioso e ressaltou que nenhuma religião é mais importante que a outra. “São como diferentes línguas, diferentes idiomas para chegar até um objetivo. Mas Deus é Deus para todos. E assim como Deus é Deus para todos, nós somos todos filhos de Deus”, expressou<sup>11</sup>.

No entanto, essa perspectiva enfrenta críticas de figuras como o Arcebispo Charles Chaput, que argumentou que “nem todas as religiões são iguais” e expressou preocupações sobre a relativização da fé cristã. Chaput alerta para o risco de se promover uma equivalência entre todas as religiões, o que, em sua visão, poderia enfraquecer a singularidade da mensagem cristã<sup>12</sup>. Ficou claro que o incômodo do Arcebispo refere-se ao discurso que o Papa proferiu aos jovens durante a sua viagem à Ásia, em Singapura.

<sup>7</sup> PIWKO, A.; SAWICKA, Z., Bahrain Forum for Dialogue, p. 4.

<sup>8</sup> YILMAZ, I.; ALBAYRAK, I., Antagonism towards Christians and interfaith dialogue, p. 171.

<sup>9</sup> GAETAN, V., God's diplomats, p. 123.

<sup>10</sup> FRANCISCO, PP., Papa aos jovens de Singapura.

<sup>11</sup> FRANCISCO, PP., Papa aos jovens de Singapura.

<sup>12</sup> FRANCISCO, PP., Papa Francisco destaca a diversidade religiosa como uma riqueza desejada por Deus.

Em resposta a essas críticas, a Igreja reafirmou sua dedicação à discussão inter-religiosa, ao mesmo tempo em que defende os princípios fundamentais do cristianismo. O Papa Francisco exortava os fiéis a superar seus preconceitos e ter discussões produtivas com pessoas de diferentes tradições religiosas, enfatizando que o medo é uma “atitude ditatorial que paralisa”<sup>13</sup>. Essa posição visava promover uma cultura de encontro e compreensão, encontrando um equilíbrio entre a adesão aos valores cristãos e a receptividade à discussão.

Uma “cultura do encontro” foi a base da estratégia do pontífice, de acordo com Phan e Santos Neto<sup>14</sup>, que defendem a conversa como um meio de transpor divisões sociais, culturais e teológicas. Esse ponto de vista é reforçado por uma dedicação teológica que defende a dignidade humana em todas as tradições religiosas, enraizada na crença de que o diálogo é uma expressão do amor divino pela humanidade.

Lemos e Fernandez<sup>15</sup> enfatizam que o Papa deveria lidar com a intolerância religiosa, particularmente em uma sociedade globalizada onde as disputas religiosas são frequentemente agravadas por problemas de identidade e políticos. A postura de Francisco foi caracterizada por sua determinação de que a diversidade religiosa seja vista como um bem e não como um problema. Segundo ele, a comunicação é o melhor meio de converter a intolerância em entendimento entre pessoas de várias tradições, e a coabituação pacífica entre elas é um requisito moral e espiritual.

De acordo com Souza e Dias<sup>16</sup>, a conversa do Papa também visava consertar fraturas históricas dentro do próprio cristianismo. O papa via a reconciliação como uma prioridade eclesiológica e pastoral, o que foi mostrado em seus esforços para fortalecer os laços entre católicos e ortodoxos. Essa posição serve como um exemplo para esforços maiores para promover a cooperação entre outras religiões e apoia a noção de que o diálogo inter-religioso deveria começar com a resolução de conflitos internos.

Aquino<sup>17</sup> conecta a estratégia do Papa Francisco a uma espiritualidade transfronteiriça que busca um significado mais profundo na variedade, por meio da unidade. A espiritualidade do Papa enfatizava que estar aberto aos outros é essencial para criar uma ética mundial fundada no respeito, reconhecendo a diversidade de expressões criativas e religiosas como representações do anseio humano por transcendência e significado.

O Papa Francisco, portanto, via o diálogo inter-religioso como um componente-chave de sua liderança, reunindo a herança católica com o imperativo moderno de criar pontes entre as divisões religiosas e culturais. Este método forneceu respostas tangíveis a questões morais e sociais urgentes, demonstrando que a religião pode ser uma ferramenta para uma mudança global construtiva.

Podemos usar os pensamentos de Claude Geffré e John Hick, cujos métodos vão contra a sabedoria convencional da exclusividade religiosa, para expandir a conversa

<sup>13</sup> FRANCISCO, PP., Papa Francisco destaca a diversidade religiosa como uma riqueza desejada por Deus.

<sup>14</sup> PHAN, P. C.; SANTOS NETO, J. M., O Papa Francisco e o encontro inter-religioso, p. 708.

<sup>15</sup> LEMOS, C. T.; FERNANDEZ, G. C., Intolerância religiosa em tempos de abertura, p. 457.

<sup>16</sup> SOUZA, N.; DIAS, T. C. S., O cisma na Igreja Católica Apostólica Romana e o nascimento da Igreja Ortodoxa.

<sup>17</sup> AQUINO, T. A. A., Espiritualidade e arte, p. 1990.

para um ponto de vista não cristão sobre a interação inter-religiosa<sup>18</sup>. Por exemplo, Geffré enfatiza a importância do pluralismo religioso que reconhece o valor espiritual encontrado em outras tradições religiosas, além de respeitar as diferenças. Ele acredita que a discussão inter-religiosa deve ser um método para as religiões se aprimorarem, em vez de apenas trocar ideias, com cada fé revelando facetas da experiência divina e humana em sua própria maneira única.

Essa perspectiva teológica, tal como promovida pelo Papa Francisco, visava dissiper a noção de uma verdade imutável associada a uma tradição religiosa, argumentando que a diversidade religiosa é uma sabedoria da vontade divina<sup>19</sup>. O pontífice frequentemente insiste na importância de reconhecer a presença de Deus agindo nas diversas tradições religiosas, como reiterado na encíclica *Fratelli Tutti*, onde afirma: “Outros bebem de outras fontes. Para nós, a fonte da dignidade humana e da fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo. [...] Mas sabemos que, com os nossos irmãos e irmãs das outras religiões, a meta é a mesma: a fraternidade e a paz”<sup>20</sup>. A abordagem de Geffré, portanto, abre espaço para que praticantes de outras religiões se sintam igualmente reconhecidos no diálogo, fortalecendo os laços de fraternidade<sup>21</sup>. Sua abordagem, portanto, complementa a do Papa ao abrir espaço para que praticantes de outras religiões se sintam igualmente reconhecidos no diálogo, fortalecendo os laços de fraternidade e cooperação.

Em resposta, John Hick desafia a sabedoria convencional que sustenta que o cristianismo é o único caminho para a salvação, sugerindo uma interpretação metafórica do evento cristão. Hick argumenta que o fenômeno religioso é complexo e que a experiência divina pode ser vista de vários ângulos, com cada religião fornecendo uma metáfora distinta para esse encontro transcendental<sup>22</sup>. Ao destacar a importância de ver as crenças de outras tradições religiosas como manifestações válidas da busca de significado e verdade, em vez de rivais a serem vencidos, esse ponto de vista expande nossa compreensão da interação inter-religiosa. Essa compreensão pluralista, embora teologicamente ousada, ressoa com a proposta do Papa Francisco quando ele afirma que “Deus é Deus para todos” e que “as religiões são como diferentes línguas que nos conduzem até Ele”<sup>23</sup>. Ao defender que as religiões devem ser vistas como expressões complementares da busca humana pelo sentido, Hick amplia o horizonte do diálogo inter-religioso de modo compatível com a “cultura do encontro” que o Papa tanto propugna.

Hick argumenta que a descentralização das religiões é essencial para uma harmonia genuína, reconhecendo-as como abordagens distintas, mas igualmente significativas do divino<sup>24</sup>. Essa visão possibilita um diálogo inter-religioso mais inclusivo e menos hierárquico, tal como defendido pelo Papa Francisco, que afirma que “as religiões devem pôr-se a serviço da fraternidade no mundo”<sup>25</sup>.

<sup>18</sup> PANASIEWICZ, R., Pluralismo religioso contemporâneo, p. 65.

<sup>19</sup> ROSSI, A. L.; GONÇALVES, P. S. L., A diversidade religiosa na *Fratelli tutti*, p. 76.

<sup>20</sup> FT 277.

<sup>21</sup> PANASIEWICZ, R., Pluralismo religioso contemporâneo, p. 54.

<sup>22</sup> PORTELLA, R., A contribuição de John Hick para o diálogo inter-religioso, p. 80.

<sup>23</sup> FRANCISCO, PP., Papa aos jovens de Singapura.

<sup>24</sup> PORTELLA, R., A contribuição de John Hick para o diálogo inter-religioso, p. 93.

<sup>25</sup> FT 285.

Gonçalves<sup>26</sup> enfatiza a necessidade de uma ética universal baseada na dignidade humana, garantindo que o respeito às diferentes crenças se fundamente nos direitos fundamentais. Essa perspectiva é reforçada por Francisco quando afirmou que “não se pode alegar motivos religiosos para justificar a guerra, o ódio e a violência”<sup>27</sup>. Assim, o diálogo inter-religioso não é apenas espiritual, mas também um meio de promover a coabitação pacífica e a justiça social em sociedades pluralistas.

Ferraz<sup>28</sup> relaciona o diálogo inter-religioso à ecologia integrada, inspirada na encíclica *Laudato Si'*, destacando sua importância na conscientização ambiental e no fortalecimento de uma ética ecológica global<sup>29</sup>. Ao destacar a importância do diálogo entre as religiões para fomentar uma ética ecológica global, Ferraz endossa a ideia de Francisco de que a cooperação inter-religiosa pode ser uma ferramenta concreta e pragmática no enfrentamento dos desafios sociais e ambientais contemporâneos.

Por fim, essa perspectiva leva à reavaliação da relação da Igreja com outras religiões, reconhecendo verdades além de seus limites tradicionais. Filosoficamente, reforça uma ética de responsabilidade e respeito à diversidade, alinhada à justiça social e à paz, como indica o Papa Francisco, que defende a necessidade de uma espiritualidade aberta, marcada pela responsabilidade ética, pelo respeito à diversidade e pela promoção da paz. Posição que, como vimos, foi amplamente assumida em seu magistério e encontra na fraternidade universal o fundamento de uma nova ética social.

## 2. Viktor Frankl: religião como sentido existencial

Viktor Frankl, psiquiatra e filósofo existencialista, é reconhecido por sua contribuição à psicologia através da Logoterapia, que enfatiza a busca de sentido como a principal motivação humana, em contraste com as teorias de Freud e Adler<sup>30</sup>. Ele define essa necessidade como “vontade de sentido”, permitindo ao indivíduo transcender dificuldades e transformar o sofrimento em algo significativo<sup>31</sup>.

A Logoterapia valoriza a escolha e a responsabilidade individual, destacando que até em situações extremas, como os campos de concentração, o ser humano pode encontrar propósito. Frankl vê a religião e a espiritualidade como respostas existenciais ao sofrimento, oferecendo um horizonte transcendental que restaura a dignidade e possibilita a superação da dor<sup>32</sup>.

Viktor Frankl comprehende a religiosidade como uma das manifestações mais profundas da busca humana por sentido, aspecto central de sua Logoterapia. Para ele, a “vontade de sentido” é a força motivadora fundamental da existência, capaz de orientar o indivíduo mesmo em contextos extremos de sofrimento. No livro *A Vontade de Sentido*<sup>33</sup>, Frankl afirma que a vida jamais se torna insuportável pelas circunstâncias em

<sup>26</sup> GONÇALVES, A., Diálogo inter-religioso e direitos humanos, p. 35.

<sup>27</sup> FT 277.

<sup>28</sup> FERRAZ, C. G., O diálogo inter-religioso para uma ecologia integral à luz da Laudato Si', p. 72.

<sup>29</sup> PASQUINI, D., *Laudato si'*, sport!, p. 32.

<sup>30</sup> FRANKL, V. E., O sofrimento humano, p. 72.

<sup>31</sup> FRANKL, V. E., A vontade de sentido, p. 172

<sup>32</sup> FRANKL, V. E., O sofrimento humano, p. 54.

<sup>33</sup> FRANKL, V. E., A vontade de sentido, p. 173.

si, mas pela ausência de propósito. Nesse horizonte, a religião emerge não como uma fuga da realidade, mas como estrutura de apoio para integrar a dor à existência, oferecendo uma visão que transcende o imediato e aponta para um significado último ancorado no suprasentido (*Übersinn*).

A fé, nesse contexto, permite ao ser humano compreender o sofrimento como parte de um plano maior, promovendo resiliência e dignidade diante da adversidade. Frankl<sup>34</sup> concebe a religiosidade como algo mais profundo do que uma crença ou prática institucionalizada: ela expressa uma dimensão espiritual inerente à condição humana. Essa dimensão se manifesta como uma abertura ao transcendente, que fornece ao sujeito uma ancoragem ética e existencial em face da dor, da perda ou do vazio.

Ao considerar que o sentido da vida é único para cada pessoa e deve ser descoberto através da responsabilidade, do trabalho, do amor e da atitude frente ao sofrimento inevitável, Frankl<sup>35</sup> propõe uma antropologia existencial centrada na liberdade interior. O ser humano, mesmo diante de condições impostas, como ele próprio experimentou nos campos de concentração, conserva a liberdade de dar sentido às suas experiências. Nesse sentido, a religião contribui para a construção de um horizonte de significado que não elimina a dor, mas a redime.

Além disso, Frankl<sup>36</sup> introduz o conceito de “Deus inconsciente”, indicando que, mesmo sem adesão explícita à fé, o ser humano pode manifestar uma orientação espiritual profunda, orientada à transcendência. Isso amplia a noção de religiosidade para além da prática dogmática, permitindo que a espiritualidade desempenhe um papel na saúde mental e na superação do sofrimento, mesmo entre os não religiosos. Nessa esteira, para o autor em questão, o ser humano possui uma relação inconsciente com um Deus oculto, o qual pode se manifestar por meio de sonhos religiosos mesmo naquelas pessoas que não professam nenhuma fé religiosa. Assim, ele advoga que nos tempos atuais, manifesta-se uma repressão, não sexual como na época de Freud, mas religiosa. Tendo em conta que os sistemas religiosos são sistemas de sentido, em última análise, o que estaria sendo reprimido seria falar da vida como se tivesse um sentido.

O homem religioso seria aquele que interpretaria a vida como uma tarefa ou uma missão atribuída por um supra-Ser, aquele que possuiria uma fé incondicional no sentido último, a qual transcende a sua capacidade racional, posto que “o *logos* é mais profundo do que a lógica”<sup>37</sup>. Até mesmo no sofrimento irremediável, que transcende a compreensão humana, manifesta-se uma sensação que a vida tem um sentido, que permaneceria intacta no inconsciente humano. Assim, em outras palavras, pode-se dizer que a fé no *Logos* é compreendida como uma categoria transcendental<sup>38</sup>. Sobre este aspecto, indagou Frankl em uma intervenção para consolar um ser humano religioso em uma situação de dor: “não está escrito nos Salmos que Deus guarda todas as suas lágrimas? Assim talvez nenhum de seus sofrimentos tenha sido em vão”.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> FRANKL, V. E., A presença ignorada de Deus, p. 48.

<sup>35</sup> FRANKL, V. E., A vontade de sentido, p. 98.

<sup>36</sup> FRANKL, V. E., A presença ignorada de Deus, p. 58.

<sup>37</sup> FRANKL, V. E., Em busca de sentido, p. 142.

<sup>38</sup> FRANKL, V. E., A presença ignorada de Deus.

<sup>39</sup> FRANKL, V. E., Em busca de sentido, p. 143.

Na compreensão de Frankl, “Deus é inconcebível e indizível, Ele só é crível e vivenciável”<sup>40</sup>. Assim, se presentifica por meio da oração no ato de tutear. Desta forma, Deus seria personificado por meio do pronome de tratamento Tu, por conseguinte, a oração também atualiza e concretiza o Deus pessoal. Embora indizível, Deus seria simbolizável e compreendido no símbolo, no qual se constitui a diversidade religiosa.

O fervor religioso, que seria o conteúdo, quando prescinde do símbolo, tende a ficar vago. Já o rito, que necessita da dimensão simbólica, pode correr o risco de se petrificar em sua forma. Como síntese dessas duas realidades, Frankl observou, por um lado, que o culto seria tão somente um caminho, pois a meta seria o mais relevante. Por outro, a fé deveria ser firme, pois, caso contrário, se fincaria em dogmas. Assim concluiu que: “quem está seguro na fé dispõe das mãos livremente e as estende para os seus semelhantes”<sup>41</sup>. A originalidade de Frankl<sup>42</sup> reside, portanto, em integrar psicologia e espiritualidade em um modelo terapêutico que não reduz o ser humano a instintos ou condicionamentos sociais, mas o reconhece como um ser capaz de se posicionar diante da vida com liberdade e responsabilidade. A religião, nesse contexto, torna-se uma via de acesso ao sentido, fornecendo ao indivíduo uma perspectiva que o conecta ao que há de mais profundo e universal na experiência humana.<sup>43</sup>

Frankl argumenta que a busca por sentido é tanto psicológica quanto espiritual, e a religião pode oferecer esse suporte. Ele destaca que o sofrimento, longe de ser apenas algo a ser evitado, pode ser uma oportunidade de crescimento. A liberdade de escolha e a responsabilidade diante das adversidades são centrais em sua filosofia, e a religião serve como um alicerce para enfrentar desafios com dignidade e transcendência.

### 3. Convergências entre Papa Francisco e Viktor Frankl

O Papa Francisco e Viktor Frankl compartilham uma visão sobre transcendência e comunicação inter-religiosa. Ambos reconhecem o desejo humano por significado, fundamentado na convicção de algo além deste mundo. Frankl, por meio da Logoterapia, argumenta que a transcendência é essencial para superar o sofrimento, enquanto Francisco defende que uma sociedade pacífica depende da abertura ao transcendentemente e do reconhecimento de Deus.

Embora Francisco valorize o papel do sofrimento, ele enfatiza o amor e o diálogo inter-religioso como caminhos para a coexistência pacífica. Frankl vê a religião como resposta existencial ao sofrimento, e ambos concordam que o diálogo é essencial para a convivência entre diferentes fés. Francisco promove a “cultura do encontro”<sup>44</sup>, enquanto Frankl considera a experiência do transcendentemente essencial para o desenvolvimento humano e social.

Frankl e Francisco valorizam a diversidade religiosa, mas sob enfoques distintos: Frankl enfatiza o significado existencial e o indivíduo, enquanto Francisco vê a pluralidade

<sup>40</sup> FRANKL, V. E., *O sofrimento humano*, p. 275.

<sup>41</sup> FRANKL, V. E., *O sofrimento humano*, p. 280.

<sup>42</sup> FRANKL, V. E., *O sofrimento humano*, p. 63.

<sup>43</sup> FRANKL, V. E., *A vontade de sentido*, p. 128.

<sup>44</sup> PHAN, P. C.; SANTOS NETO, J. M., *O Papa Francisco e o encontro inter-religioso*, p. 715.

religiosa como um recurso para a humanidade<sup>45</sup>. Em Singapura, Francisco comparou as religiões a “línguas” que levam ao mesmo Deus, destacando a unidade pelo amor.

Frankl<sup>46</sup>, por sua vez, cunhou o termo “monantropismo”, sugerindo que para além do monoteísmo, a humanidade precisa alcançar a consciência de uma unidade apesar da diversidade cultural e religiosa. O autor também fez uma relação entre a diversidade linguística e as múltiplas religiões:

Pessoalmente, duvido que, dentro da religião, seja possível distinguir o verdadeiro do falso por evidências universalmente aceitáveis entre os humanos. Parece-me que as diversas confissões religiosas são algo como línguas diferentes. Também não é possível declarar que uma delas seja superior às restantes. De modo parecido, nenhuma língua pode justificadamente denominar-se “verdadeira” ou “falsa”, mas com todas elas podemos aproximar-nos da verdade – de uma única verdade – como por diferentes lados, e com cada uma delas podemos também enganar-nos e até mentir<sup>47</sup>.

Ademais, independentemente das crenças religiosas de cada um, Frankl mais uma vez vê a busca de sentido como uma forma de transcendência para o mundo na qual cada indivíduo deve descobrir seu propósito no seio da comunidade humana. No entanto, ambos concordam que encontrar os outros é onde o significado da vida pode ser descoberto, seja por meio do diálogo inter-religioso ou em conexão com a espiritualidade.

Francisco aborda a ideia de Frankl sobre a liberdade de perseguir o propósito da vida opondo-se a pontos de vista que marginalizam ou excluem outras religiões, como fez em reação a indivíduos como o Arcebispo Chaput<sup>48</sup>. O Papa afirma que, uma vez que cada religião tem algo valioso a contribuir, a discussão inter-religiosa é crucial para criar uma sociedade mais justa. Encontrar o propósito da vida, de acordo com Frankl, requer tanto ter a liberdade de escolher quanto perceber que a morte e o sofrimento são verdades universais que impactam todas as pessoas, independentemente de suas crenças religiosas. Dessa forma, a dor é vista tanto pelo Papa quanto por Viktor Frankl como um meio de unir as pessoas, em vez de uma barreira.

As maneiras como Viktor Frankl e o Papa Francisco abordam a prática do amor também mostram essa confluência. De acordo com Francisco, o amor é uma necessidade teológica e moral que deve ser exercida na vida diária por meio da comunicação inter-religiosa<sup>49</sup>. Francisco acredita que o respeito mútuo e a paz são baseados no amor. De acordo com Frankl, um dos elementos primários na busca de significado é o amor, pois é no amor que as pessoas descobrem seu mais alto tipo de transcendência — um ato que vai além dos limites pessoais e estabelece uma conexão profunda e significativa com os outros.

O Papa Francisco e Viktor Frankl concordam que a religião deve ser um instrumento de paz e significado. Francisco defende a comunicação inter-religiosa

<sup>45</sup> PIJKO, A.; SAWICKA, Z., Bahrain Forum for Dialogue, p. 20.

<sup>46</sup> FRANKL, V. E., A vontade de sentido, p. 129.

<sup>47</sup> FRANKL, V. E., Psicoterapia y existencialismo, p. 28.

<sup>48</sup> CHAPUT, C., Arcebispo critica Papa Francisco.

<sup>49</sup> LEMOS, C. T.; FERNANDEZ, G. C., Intolerância religiosa em tempos de abertura, p. 463.

como meio de promover harmonia<sup>50</sup>, enquanto Frankl vê a religião como resposta existencial ao sofrimento. Apesar de abordagens distintas—Francisco enfatizando o amor e o diálogo, e Frankl a transcendência pessoal—ambos valorizam a fé como forma de enfrentar adversidades.

Ambos compartilham o compromisso com a dignidade humana e a liberdade religiosa. Frankl defende que cada indivíduo deve buscar sentido em suas próprias convicções, enquanto Francisco destaca o respeito à liberdade religiosa como essencial para uma sociedade justa. Para ambos, a religião deve ser uma decisão pessoal e não imposta, servindo como força de transformação social.

Além de experiência individual, a religião tem impacto social. Frankl acredita que encontrar propósito melhora a sociedade, e Francisco vincula o diálogo inter-religioso à justiça social e à paz global. Ambos veem a religião como ferramenta para o bem comum, capaz de superar divisões e promover cooperação em desafios globais. Em um mundo pluralista, sua visão reforça a importância da solidariedade e do respeito mútuo.

De sua parte, o Papa Francisco sempre argumentou que o diálogo inter-religioso é uma arma vital na luta contra a intolerância religiosa. Em suas observações, ele argumenta que as religiões podem e devem trabalhar juntas para combater o preconceito e promover a paz. Seu foco na “cultura do encontro” representa a esperança de que as religiões possam resolver conflitos passados e criar uma coexistência respeitosa por meio da comunicação.

Portanto, ao encorajar maior compreensão entre várias visões, ambos veem a religião como um meio de combater o preconceito e a intolerância em um ambiente diverso. Frankl e Francisco reconhecem a capacidade da religião de transcender os limites humanos e fornecer oportunidades de contato com o sublime. De acordo com Frankl, a transcendência — seja por meio da religião ou de outro tipo de espiritualidade — está intimamente relacionada à busca de significado. Ele acha que descobrir um propósito maior na vida ajuda a pessoa a superar obstáculos. De acordo com o Papa Francisco, a transcendência é um aspecto crucial da experiência humana. Ele argumenta que criar uma sociedade mais justa e tranquila, onde a diversidade religiosa seja valorizada e reconhecida como um componente de um propósito divino maior, requer ser receptivo ao transcendente. Portanto, ambos veem a transcendência como uma reação essencial para criar um futuro melhor para os indivíduos e para a sociedade como um todo.

Por fim, tanto Frankl quanto Francisco concordam que a religião pode servir como um ponto focal para a criação de um código universal de ética. De acordo com Frankl, a necessidade de significado que vai além dos próprios interesses e se concentre no bem maior é a fonte da ética. Ele acha que quando os princípios religiosos são praticados de forma genuína, eles podem influenciar as ações das pessoas de maneira que possam ser vantajosas para a sociedade como um todo. De sua parte, o Papa Francisco tem pressionado pelo desenvolvimento de uma moralidade internacional fundada na comunicação e harmonia inter-religiosas. Ele defende que as religiões podem ajudar a criar uma sociedade mais justa e sustentável ao valorizar a diversidade religiosa e buscar o entendimento entre as pessoas. Portanto, tanto Frankl quanto Francisco avaliam que a religião pode ser uma força em favor do bem em um ambiente diverso.

<sup>50</sup> PIWKO, A.; SAWICKA, Z., Bahrain Forum for Dialogue, p. 12.

## Conclusão

A confluência das ideias do Papa Francisco e de Viktor Frankl foi discutida neste artigo, enfatizando o valor do diálogo inter-religioso e da busca de significado dentro da estrutura da prática religiosa. Ambos destacam a importância da transcendência e da espiritualidade na vida humana, cada um a partir do seu próprio ponto de vista, reconhecendo que em uma sociedade pluralista, as religiões podem servir como uma plataforma para o desenvolvimento de uma coabituação harmoniosa e gratificante. O conceito de "diálogo inter-religioso" do Papa Francisco enfatiza o valor do reconhecimento mútuo através das tradições religiosas, enquanto a Logoterapia de Viktor Frankl sugere que as pessoas busquem significado para lidar com seu sofrimento.

Deve-se, ainda, destacar a necessidade de encorajar a discussão sobre a prática religiosa, particularmente à luz da crescente heterogeneidade dos nossos dias. Ambos os estudiosos argumentam que as religiões podem servir como forças unificadoras se as diferenças forem vistas como oportunidades para o desenvolvimento moral e espiritual, em vez de barreiras. Em um mundo que está se tornando cada vez mais variado, a comunicação não apenas melhora a compreensão interpessoal, mas também ajuda a criar um futuro mais equitativo e pacífico, onde a religião é usada como um meio de promover o respeito e a harmonia.

No entanto, tensões históricas, preconceitos e desacordos teológicos ainda existem, dificultando o pluralismo religioso. Um esforço constante de compreensão e abertura, juntamente com uma ética que vai além dos limites religiosos, são necessários para a coexistência pacífica de muitas religiões. Os pontos de vista de Frankl e do Papa Francisco enfatizam o valor de tratar uns aos outros com respeito e empatia, reconhecendo que, apesar das diferenças, todos estão buscando transcendência e propósito. Como tal, eles fornecem um manual útil para superar esses obstáculos. A última observação é que, em uma sociedade diversa, o diálogo inter-religioso não é uma ameaça, mas sim uma chance para as pessoas aprofundarem seus laços umas com as outras e trabalharem em direção a um futuro de compaixão, compreensão e cooperação.

## Referências bibliográficas

- AQUINO, Thiago Antonio Avellar de. Espiritualidade e arte: o homem em busca de sentido. **Interações**, v. 16, n. 1, p. 33-52, jan./jun. 2021.
- CHAPUT, Charles. **Arcebispo critica Papa Francisco**: nem todas as religiões são iguais (Discurso publicado na Katolisck.de). Unisinos, 2024. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/643785-arcebispo-critica-papa-francisco-nem-todas-as-religoes-sao-iguais>>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- FERRAZ, Chrystiano Gomes. **O diálogo inter-religioso para uma ecologia integral à luz da Laudato Si'**. Petrópolis, RJ: Vozes Acadêmica, 2021.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli tutti**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Papa aos jovens de Singapura**: sejam corajosos, saiam da zona

de conforto (Discurso aos jovens em Singapura). Vatican News, 2024. Disponível em: <[https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/papa-encontro-inter-religioso-com-os-jovens-singapura-13-09-24.html#:~:text=%22Os%20jovens%20devem%20ter%20a,%2C%20saiam%2C%20n%C3%A3o%20tenham%20medo](https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/papa-encontro-inter-religioso-com-os-jovens-singapura-13-09-24.html#:~:text=%22Os%20jovens%20devem%20ter%20a,%2C%20saiam%2C%20n%C3%A3o%20tenham%20medo>)>. Acesso em: 23 dez. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Papa Francisco destaca a diversidade religiosa como uma riqueza desejada por Deus.** Unisinos, 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/643834-o-papa-francisco-destaca-a-diversidade-religiosa-como-uma-riqueza-desejada-por-deus>. Acesso em: 02 jan. 2025.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia y existencialismo:** escritos selectos sobre logoterapia. Barcelona: Herder, 2003.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2013.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus Editora, 2021.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento humano:** fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações Editora, 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **Sobre o sentido da vida.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido.** São Paulo: Editora Vozes / Sinodal, 2020.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus.** São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2013.

GAETAN, Victor. **God's Diplomats:** Pope Francis, Vatican Diplomacy, and America's Armageddon. London: Rowman & Littlefield, 2023.

GONÇALVES, Alonso. Diálogo inter-religioso e direitos humanos. **Estudos Teológicos**, v. 60, n. 1, p. 30-40, 2020.

LEMOS, Carolina Teles; FERNANDEZ, Gustavo Cortez. Intolerância religiosa em tempos de abertura: os desafios para uma cultura do encontro. **Encontros Teológicos**, v. 37, n. 2, p. 453-470, mai./ago. 2022.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo:** diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas, 2013.

PASQUINI, Daniele. **Laudato si', sport!:** orientações para uma ecologia integral através do esporte. Curitiba: PUCPRESS; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Campinas: Editora Splendet, 2025. 112 p.

PEREIRA, Ivo Studart. **Tratado de logoterapia e análise existencial:** Filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2021.

PHAN, Peter C.; SANTOS NETO, José Martins dos. O Papa Francisco e o encontro inter-religioso. **Horizonte:** revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religiao, v.

19, n. 59, p. 703-731, mai./ago. 2021.

PIWKO, Aldona; SAWICKA, Zofia. Bahrain Forum for Dialogue Apostolic Journey of Pope Francis to Bahrain as a Step on the Path of Brotherhood Between Religions. **Religions**, v. 15, n. 12, p. 1569, dec. 2024.

PORTELLA, Rodrigo. A contribuição de John Hick para o diálogo inter-religioso: a leitura do evento cristão como metáfora. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 3, n. 6, p. 77-95, jan./jun. 2005.

ROSSI, André Luiz; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. A diversidade religiosa na Fratelli tutti. **Revista de Cultura Teológica**, v. 30, n. 102, p. 71-88, 2022.

SILVA, Flávio Luiz Honorato da et al. As perspectivas de Viktor Frankl e Erich Fromm sobre o amor e a humanidade. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, p. e403101019120-e403101019120, 2021.

SILVA, Haleks Marques; MARTINS, Rosilene Rosa. Nas sendas da logoterapia de Viktor Emil Frankl: em busca de sentido. **Revista São Luis Orione**, v. 9, n. 2, p. 3-24, 2022.

SOUZA, Ney de; DIAS, Tiago Cosmo da Silva. O cisma na Igreja Católica Apostólica Romana e o nascimento da Igreja ortodoxa: uma releitura histórica e as tentativas de reaproximação. **Caminhos de Diálogo**, v. 9, n. 15, p. 274-285, 2021.

YILMAZ, Ihsan; ALBAYRAK, Ismail. Antagonism Towards Christians and Interfaith Dialogue. In: YILMAZ, Ihsan; ALBAYRAK, Ismail. **Populist and Pro-Violence State Religion: The Diyanet's Construction of Erdoganist Islam in Turkey**. Singapore: Springer Nature Singapore, 2022. p. 167-188.

***Thiago Antonio Avellar de Aquino***

Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba

Docente da Universidade Federal da Paraíba

Cidade Universitária / PB – Brasil

E-mail: thiagoaquino19.ta@gmail.com

***Laudiana Andriola de Aquino***

Mestranda em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba

Cidade Universitária / PB – Brasil

E-mail: laudianaandriola2024@gmail.com

Recebido em: 27/03/2025

Aprovado em: 19/11/2025